

CALDERA, Alejandro Serrano. *Filosofia e Crise: pela filosofia Latino-Americana*. Petrópolis, Vozes, 1984.

Adão José Peixoto\*

O autor fez estudo de Direito na Universidade da Nicarágua. É doutor em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da Universidade de Paris. Foi embaixador da Nicarágua junto ao governo francês e à UNESCO.

Esta obra é dividida em três capítulos: Capítulo I, "Historicidade, Regionalidade e Universalidade da Filosofia"; Capítulo II, "A Crise do Racionalismo e a Crise Européia"; Capítulo III, "América Latina: possibilidade de uma filosofia".

A finalidade da obra é analisar a crise européia causada pelo racionalismo e apresentar a América Latina como esperança de um novo projeto de vida e de mundo. O autor constata que atualmente vivemos uma profunda crise histórica, onde a dimensão humana foi diluída, instaurando-se com isso uma crise de valores.

No entanto, toda crise é um momento de expectativa, é um anúncio de mudança. Para romper com esta instabilidade provocada pelo racionalismo, herança do velho mundo (Europa), o autor defende com veemência um projeto filosófico autônomo para a América Latina, que tenha como preocupação básica a articulação de uma reflexão voltada para a sua realidade histórica e social, na tentativa de compreender o ser latino-americano e descobrir aí uma nova visão de mundo e um projeto de uma nova sociedade e de um novo homem.

No capítulo I, o autor discute a relação entre a filosofia e a história, procurando demonstrar que o caráter universal próprio da filosofia é construído a partir de uma situação determinada, portanto histórica. A caracterização da regionalidade se dá pela observância de

---

\* Mestrando em Filosofia da Educação – PUCCAMP.

elementos próprios de determinado espaço geográfico e para ganhar sentido filosófico devem ser transpostos para uma dimensão mais ampla (universal). Assim, historicidade, regionalidade e universalidade estão intimamente ligadas.

Todas as grandes correntes filosóficas surgiram de problemas concretos e determinados. O marxismo, por exemplo, "adquire seu sentido pleno enquanto considerado diante do capitalismo europeu" (p. 54), e a "fenomenologia de Husserl, por seu lado, vista numa perspectiva histórica e diante da estrutura cultural de seu tempo, é a mais radical e profunda ruptura com a filosofia européia e com as ciências naturais enquanto estendidas ao campo do espírito" (p. 54). A busca da universalidade é ao mesmo tempo a busca da autenticidade: "ser autêntico significa deslindar o que é próprio e integrá-lo em seu tempo e realidade, quer dizer, dar-lhe universalidade" (p. 56). Por isso, falar numa filosofia americana não significa romper com a tradição filosófica.

No capítulo II, Caldera analisa a gênese, o desenvolvimento e a crise do racionalismo europeu. Analisar a crise do racionalismo é também, segundo o nosso filósofo, investigar a crise européia e do mundo contemporâneo, já que a Europa foi a parteira desta vertente filosófica que posteriormente influenciou e determinou a vida de muitos povos.

Segundo o autor, o mundo moderno se caracteriza essencialmente pelo culto à razão. O predomínio da razão rompeu com a concepção medieval em todos os setores. Esta revolução começa com a física de Galileu e a metafísica de Descartes. A formulação racional e a experimentação passam a ser considerados como elementos essenciais da ciência. Para o radicalismo de Fichte, por exemplo, a "razão não interpreta o mundo objetivo, cria-o" (p. 64). A abolição da diferença entre realidade e racionalidade é encontrada definitivamente em Hegel, para quem "o racional é real e o real é racional" (p. 64).

A Revolução Industrial, o desenvolvimento da técnica, do positivismo e do espírito utilitarista evidenciam a crise do racionalismo. A ciência curva-se ao poder, passa a ser dependente do sistema, predominam o sentido prático, o conforto e a preocupação com o luxo.

O homem do século XX passa a ser o resultante deste processo de exclusão do humano, o centro passa a ser o utilitarismo e o cientificismo, isto é, a preocupação com o ter e não com o ser.

No capítulo III, o autor apresenta certas características que diferenciam esta parte do continente americano dos países do centro, como: dependência, dispersão cultural, confluência de raças . . . Isto faz com que a América Latina se situe numa posição privilegiada para formular uma crítica ao sistema hegemônico e "propor um novo modelo de sociedade" (p. 77).

Esta situação é também um desafio, o de elaborar uma filosofia autônoma que possibilite a constituição da unidade latino-americana e de sua identidade diante do mundo.

Assim articulado, o pensamento latino-americano aparece como uma alternativa de humanização do mundo contemporâneo. Sistematizar a filosofia latino-americana é "assumir um problema, mas também uma esperança, uma perspectiva, um compromisso" (p. 96), é propor um novo quadro valorativo e uma nova sociedade que possibilite o surgimento de um novo homem. É, enfim, inserir-se na nossa realidade e daí extrair os elementos essenciais e fundamentá-los com a contribuição da tradição filosófica.

A definição do ser latino-americano é uma necessidade urgente com que nos deparamos, primeiro passo para articulação, integração e libertação do nosso povo. Nesse sentido, o texto do filósofo nicaraguense é um marco importante, pois apresenta uma defesa sincera e apaixonada de um projeto filosófico latino-americano autônomo.